



Igreja”, in Concilium, nº 202, pp.35-43

²⁶ Quanto à impossibilidade do acesso da mulher aos ministérios ordenados, em particular ao sacerdócio ministerial, João Paulo II tem sido claro em reafirmar a doutrina tradicional, por exemplo na Carta Apostólica *Ordinatio Sacerdotalis*, “sobre a ordenação sacerdotal reservada aos homens”, de 22 de maio de 1994, ratificada por uma declaração da Congregação para a Doutrina da Fé, de 28 de outubro de 1995.

²⁷ Cf Puebla, 109 e 845; Santo Domingo, 104

²⁸ Cf. ANTINUCCI, Lucia, “La Chiesa e la nuova coscienza femminile: una lettura del Magistero del post-Concilio”, pp.285-317, no livro “La donna nella Chiesa e nel Mondo”

²⁹ Cf.Revista Concilium, nº111, p.38

³⁰ Cf. ANTINUCCI, Lucia. “La Chiesa e la nuova coscienza femminile: una lettura del Magistero del post-Concilio”, no livro “La donna nella Chiesa e nel Mondo” p. 288-290

³¹ Cf Idem, p.307

³² Cf. Idem, p.292

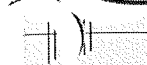
³³ HEBRARD, Monique, “Les femmes dans l’Eglise: une réalité qui insiste”, in *Lumière et Vie* nº 182, pp 17-27

Este é o depoimento do segundo ex-aluno do Instituto chamado ao episcopado: Dom Pedro Zilli, da turma de 1981-84, que acaba de ser nomeado Bispo da recém-criada diocese de Bafatá, na Guiné Bissau, na África. Que esta abertura missionária, neste início do Novo Milênio, contribua para missionarizar a nossa Igreja do Regional Sul IV, chamada, como a primeira comunidade de Jerusalém, a irradiar o Evangelho, a Boa Notícia, até os confins do mundo.

Um Bispo brasileiro para a África

Dom Pedro Zilli, PIME

Bispo de Bafatá - Guiné Bissau e ex aluno do ITESC de 1981-84





Antes de tudo, agradeço o espaço na revista do ITESC, “Encontros Teológicos”. Obrigado por tudo o que os professores do ITESC fizeram por mim, preparando-me teologicamente para o sacerdócio e, agora, o episcopado missionário.

1. Minha passagem pelo ITESC

Cursei Teologia no ITESC nos anos de 1981 a 84. Na época, o PIME se hospedava no “Convívio Emaús” e nós, seus seminaristas, todos estudávamos no ITESC. Recordo-me de meus professores: Pe. Paulo Bratti, Dom Orlando Brandes, Pe. Ney, Dom Manoel, Pe. Evaristo, Pe. Siro, Pe. Valter, Pe. Besen e outros. Recordo-me de colegas como Domingos Nandi, hoje professor no Instituto.

O período que aí estudei foi fortemente marcado por uma atenção aos pobres – a evangélica opção pelos pobres – e pela mística da pobreza, pela comunhão e participação. Esta visão da fé e da Igreja constituiu-se, na minha vida, numa espiritualidade muito concreta, que muito serviu para o meu ser missionário na África, na Guiné Bissau.

Os professores insistiam conosco sobre a importância do estudo, de uma boa formação e sobre a necessidade de se continuar estudando depois da ordenação. Talvez eu não tenha conseguido viver intensamente tudo o que me ensinaram, mas nunca perdi de vista esses conselhos e, graças a Deus, sinto a necessidade de me formar constantemente.

Agradeço ao ITESC por tudo o que me deu. Se hoje sou missionário, e bispo, muito eu devo a este Instituto.

2. Minha nomeação para Bispo de Bafatá, Guiné Bissau

Vivi 13 anos como missionário do PIME na Guiné Bissau, e Bafatá foi a minha primeira paróquia. Foi em Bafatá que impostei a minha vida missionária, o meu sacerdócio. Foram anos difíceis, mas muito ricos.

Depois desses 13 anos, vim para Brusque, para trabalhar na formação dos futuros missionários do PIME. E foi de Brusque que o papa João Paulo



II, no dia 30 de março p.p., me chamou para ser Bispo da nova diocese de Bafatá, desmembrada da de Bissau. Com isto, a Guiné Bissau, um país de pouco mais de 1 milhão de habitantes, que antes possuía somente uma diocese, a de Bissau, passa a ter duas: Bissau e Bafatá.

Dentro do contexto da minha nomeação para Bispo de Bafatá, estive na Itália, em maio, para encontrar-me com o Cardeal Sepe, Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos. Nossa conversa foi muito calorosa, de muita esperança. Entre os conselhos que me deu, um ele sublinhou com muita intensidade, dizendo-me: “Você é jovem, terá que trabalhar muito naquela nova diocese e ser um grande missionário, amar a todos, especialmente os padres, irmãs, catequistas, famílias, jovens”. Este encontro confirmou em mim a consciência de que a responsabilidade será grande, que terei de empenhar-me muito, mesmo. No entanto, estou muito confiante na graça do Senhor, que me acompanhará sempre e estará comigo, dando-me a graça do lugar e do estado.

3. Minha experiência missionária

No início foi muito difícil a minha inserção naquele ambiente e cultura. Talvez eu não estivesse preparado para viver fora do Brasil, até porque naquele tempo, nos anos 80, os brasileiros viajavam menos... Encontrei dificuldades linguísticas, culturais, de saúde e até mesmo de Igreja local, que vivia um momento diferente da Igreja no Brasil.

Com o tempo, no entanto, comecei a entender a beleza daquele povo, daquela cultura e daquela Igreja. Pouco a pouco, comecei vibrar com tudo o que acontecia, sofria e alegrava-me com tudo o que ia vendo e vivendo. E isto era ótimo, era sinal de que o centro do meu pensamento ia, gradualmente, radicando-se naquele ambiente.

Tive alegria grande ao ver que as pessoas ficavam muito felizes quando encontravam Cristo. Era lindo vê-las pedindo para entrar no “Caminho”, expressão muito simpática dos Atos dos Apóstolos (9,2; 24,14,22). Em poucas palavras, queria ser cristãos. E onde Cristo está presente, a vida está presente: a pessoa, a cultura, a sociedade são purificadas, promovidas, e o cristianismo, no contacto com outra cultura, fica enriquecido. É a *inculturação*, que significa “a íntima transformação dos valores culturais autênticos, pela sua integração no cristianismo, e o enraizamento do cristianismo nas várias culturas” (*Redemptoris Missio*, 52).

4. A nova diocese de Bafatá

A diocese de Bafatá, constituída por uma população de 490 mil



habitantes, conta com apenas 31 mil cristãos: muitos são os muçulmanos e bastantes outros são da religião tradicional africana, aqueles que uma vez se chamavam de “pagãos” ou “animistas”. Daí que o meu maior empenho será o de anunciar a novidade do cristianismo, uma vez que, apesar dos já 2000 anos de evangelização no planeta, em Bafatá ele continua sendo uma absoluta novidade para muitíssimas pessoas. Por outro lado, não posso não pensar no diálogo interreligioso com os muçulmanos, e com os da religião tradicional. De fato, o papa João Paulo II, na *Redemptoris Missio*, entre outras coisas, nos diz: “A tarefa da Igreja é orientada num duplo sentido: por um lado, promover os denominados ‘valores do Reino’, como a paz, a justiça, a liberdade, a fraternidade; por outro, favorecer o diálogo entre os povos, as culturas, as religiões, para que, num mútuo enriquecimento, ajudem o mundo a renovar-se e a caminhar cada vez mais na direção do Reino”. Com os cristãos, os muçulmanos, os povos da religião tradicional, com todos quero promover estes valores do Reino, o diálogo, dons de Deus de que a África, a Guiné Bissau, e Bafatá, tanto precisam.

As dificuldades na Guiné Bissau e, conseqüentemente, em Bafatá, não são poucas, pois o país, que vivia com grandes dificuldades econômicas, viu-se em situação dramática durante e após a guerra de 1998, quando as poucas conquistas foram jogadas por terra. Além das conseqüências econômicas e sociais que tal guerra causou, temos que nos recordar das conseqüências psicológicas, espirituais. Dom José Camnate, Bispo de Bissau, assim escreveu na sua carta pastoral de dezembro de 1999: “O preço da guerra foi muito elevado em perdas de vidas humanas, de feridos, de destruições, de desgaste físico e psíquico. Todos sofreram, e esse sofrimento não poder ter sido em vão. Todos, especialmente os políticos, deverão aprender que a verdadeira batalha deve ser a do desenvolvimento, da justiça e da liberdade.”

Daí que, no meu serviço episcopal, não poderei esquecer a importância dos temas da reconciliação, da paz, e do amor que supera tudo. Seguindo esta linha de pensamento, escolhi como lema para o meu episcopado aquele sugestivo versículo de 1Cor 13,8: *O amor jamais passará*. Estou certo de que somente o amor poderá curar os corações feridos, magoados, ressentidos. Somente quem ama, com o amor que vem de Deus, poderá perdoar de todo o coração, viver a justiça, a liberdade.

5. A Igreja de Santa Catarina e as missões

Penso que seria maravilhoso se a Igreja de Santa Catarina chegasse a ter um relacionamento muito íntimo com a Igreja de Bafatá, na África. Que



chegássemos a instaurar uma colaboração do tipo Igrejas-Irmãs. Como seria importante a presença de sacerdotes, religiosos, leigos catarinenses em Bafatá, pois estou assumindo uma Diocese carente de pessoas evangelizadoras e promotoras do ser humano em sua integralidade. Essas presenças seriam, sem dúvida, ocasião de enriquecimento para Bafatá, mas também para a Igreja de Santa Catarina que, doando-se, receberia e cresceria muito!

Outro ponto fraco da nova Diocese é o econômico, pois Bafatá não é exceção na África. De fato, de acordo com a FAO, as vítimas da fome no continente africano, neste ano, poderão passar de 28 milhões (!) de pessoas, por causa das guerras e dos desastres naturais. Apesar das dificuldades econômicas pelas quais passa o nosso Brasil, penso que Santa Catarina poderia, mesmo assim, estender-me a mão com generosidade, lá na África, em Bafatá.

Endereço do Autor:

Dom Pedro Carlos Zilli

Missionários do PIME

Takir-Antula

Caixa postal 385

1031 BISSAU – GUINÉ BISSAU

correio eletrônico: pinegb@hotmail.com